

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA: DIÁLOGOS ENTRE O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO

Erica Lira Albuquerque de Lima; Tays de Sousa Santos; Nádia Jane de Sousa

*Universidade Federal da Paraíba
erica.lira.1819@gmail.com
tayssousa95@gmail.com
profnadiajane@gmail.com*

Resumo

Neste presente artigo iremos discutir, mesmo que brevemente, concepções de infância que existiam a partir da Idade Média até os dias atuais, considerando os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos vivenciados. Esse texto surgiu a partir de uma atividade realizada na disciplina obrigatória Organização e Prática da Educação Infantil (OPEI) do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Através dessa disciplina pudemos assistir na sala de aula o longa metragem “O Pequeno Príncipe” como forma de ampliarmos nosso conhecimento acerca do ser criança hoje, pois o filme apresenta perspectivas sobre o ser criança e a adultização das mesmas devido às cobranças que os adultos impõem, já que a sociedade contemporânea exerce intensa influência nas escolhas que fazemos, principalmente quando ainda se é criança. Evidenciamos que as mudanças no ser criança não podem ser ignoradas pela sociedade, inclusive nas escolas, especialmente no que diz respeito à aproximação das crianças com a mídia que estão fazendo parte muito cedo no universo da criança, nas suas formas de agir e pensar nos dias atuais. Influenciadas pelas tecnologias digitais, a infância vivencia um momento que alguns consideram como de “desaparecimento”, reflexo da transformação no ser criança que por sua vez, reflete as mudanças que vivencia em seu contexto social. O consumismo infantil é abordado, já que é uma prática que faz parte da vida das crianças, estas que são o alvo de produtos que despertam o desejo em comprar mercadorias que rapidamente são substituídas por outras, ocasionando assim um ciclo de desejo em ter, acumular e descartar. Tais questões buscam contribuir no entendimento da infância e no processo de desenvolvimento das crianças na atualidade.

Palavras-chave: Infância clássica, Infância Contemporânea, Educação Infantil.

Introdução

As concepções acerca da infância passaram por várias mudanças no decorrer da História; tais alterações foram/são influenciadas pelo contexto social. Atualmente, a criança é um ser compreendido como um sujeito de direitos inserida em um contexto social e consequentemente, produtora de cultura, pois como afirma Kramer (2007, p.15) “Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nelas produzidas.” A criança necessita de cuidados, atenção e respeito para elaborar práticas pedagógicas que estejam de acordo com suas especificidades, faz-se necessário compreender a infância e o que faz parte do ser criança na atualidade

Entender o conceito de infância não é fácil, já que existe toda uma complexidade, pois envolve contextos sociais, familiares, psicológicos, econômicos que vão se desencadeando ao longo da História. Sendo assim, vem se tornando extremamente importante compreendê-la, tendo em vista que a infância que temos hoje não é a mesma de alguns anos, décadas e até séculos atrás. Sendo assim, como era vivida? O que mudou ao longo do tempo?

O mundo está em constante transformação, inclusive as formas das pessoas se comunicarem foi alterada. As mídias estão presentes constantemente na vida de todos, inclusive no cotidiano das crianças que veem a televisão, o computador, o tablet, o celular, etc como formas de entretenimento, influenciando na maneira das crianças aprenderem e até mesmo brincarem.

Metodologia

Para compreender as questões acerca da infância apresentaremos como foco deste ensaio a atividade da disciplina curricular obrigatória “Organização e Prática da Educação Infantil” (OPEI) do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, os textos teóricos discutidos em sala sobre a infância, nas suas formas de tratar a criança durante seus processos históricos em Costa (2000), apresentando também alguns conceitos na visão de grandes autores e a relação da infância com as mídias, provocando o consumismo infantil através das ideias de Sousa (2016), mostrando seus desafios na contemporaneidade.

Além disso, faremos uma conexão deles com o filme assistido em sala, uma das narrações mais marcantes nos dias atuais e que é bastante interessante conhecer, independentemente da faixa etária: “O pequeno Príncipe”. Este filme retrata de várias questões sobre a concepção de infância na atualidade, entre eles destacamos a percepção da criança e infância no mundo dos adultos, e o que pode influenciar de positivo e negativo na vida de ambos.

Utilizamos as concepções de Momo *apud* Costa (2009) que destacam o contato das crianças com as mídias e seus desdobramentos para retratarmos o impacto que o universo midiático ocasiona no cotidiano das crianças, inclusive para destacarmos a necessidade dos responsáveis pelos pequenos em acompanhar e se inteirar sobre o que as crianças têm acesso.

Ademais, como forma de ampliar nossos olhares acerca do assunto, apontaremos as transformações que a infância traz e como podemos intervir como atuais e futuros docentes, até mesmo com crianças fora dos muros escolares.

Resultados e Discussões

Memórias de Infância: breve percurso histórico

Trazer um pouco da História da infância em diferentes épocas nos faz ampliar o olhar sobre como era a infância que antecede essa era tecnológica que estamos vivendo hoje em dia. Conforme Caldeira (2010, p. 01) tem sua importância para entender um pouco do conceito de infância pois: “...analisando a infância do ponto de vista histórico, pode nos revelar muito sobre a sua situação nos dias atuais.”

Diante disso, percebemos que entender a infância é compreendermos as crianças enquanto sujeitos que fizeram e fazem parte de um determinado contexto social, político, cultural e econômico. Segundo Caldeira (2010) em meados do século XII, o índice de mortalidade infantil era muito alto devido a precarização geral na saúde e higiene com a sociedade.

As crianças, em muitas vezes acompanhavam os adultos em atividades trabalhistas, desde o meio rural até em fábricas e indústrias. Vivenciar a infância plenamente (brincando, imaginando, criando, etc.), se trata de uma realidade relativamente recente, isto é, no século XX em diante. Como afirma Andrade (2010, p. 48-49)

Na Idade Média, as crianças pequenas não tinham função social antes de trabalharem, sendo alta a taxa de mortalidade infantil. Aquelas que eram pobres, assim que cresciam eram inseridas no mundo do trabalho, sem qualquer diferenciação entre adultos e crianças. As crianças nobres tinham seus educadores e eram vistas como miniaturas dos adultos e deveriam ser educadas para o futuro de transição para a vida adulta.

Dessa forma, compreendemos que nessa divisão, as crianças já se apresentavam como “mini adultos” em que os próprios adultos mediavam suas ações. Andrade (2010) traz em sua pesquisa que as crianças de família humilde exerciam o trabalho braçal por necessidade financeira e as crianças da elite para dar boa visibilidade social às determinadas famílias.

Se tratando da Idade Média em passagem para a Idade Moderna, Costa (2000) apresenta que a criança era vista como um ser humano diferente do adulto, este considerado o protagonista da história. A visão de criança era de um ser sem identidade, principalmente se fosse até os 2 anos de idade. Diante disso como nos diz (Heywood 2004, p.87 *apud* Caldeira, 2010, p. 01):

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de

2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade.

Diante disso, percebemos que a maneira de tratar as crianças está diretamente ligado aos hábitos e valores culturais que a sociedade impõe, não se trata de atitudes de caráter natural.

A partir do século XVIII, com a chegada do capitalismo industrial, o trabalho infantil era uma prática comum. Conforme Andrade (2010, p. 50) “...a criança foi nascendo socialmente, considerada como um ser dependente, frágil, ignorante e vazio, que precisava ser treinado para ser um bom cidadão, cabendo à família a responsabilidade pela sua socialização.” Nesse contexto, a preocupação era ter o respeito, dificilmente se criava laços de afetividade.

Nos séculos mais recentes (séculos XIX e XX mais precisamente), devido a necessidade da mulher ingressar com mais frequência no mercado de trabalho, criou-se o hábito de deixar as crianças em Instituições e creches. Sendo assim, Andrade (2010, p. 59-60) apresenta um pouco do que foi desenvolvido nessa época:

O reconhecimento da infância enquanto etapa do desenvolvimento humano, nos séculos XIX e XX, faz surgir a infância científica, com a propagação de conhecimentos construídos por várias áreas do saber, o que determinará um conjunto de teorias e práticas a serem desenvolvidas para cuidar dessa categoria. São divulgadas normas de higiene e cuidados com as crianças, investe-se em campanhas de amamentação, criam-se instituições de atendimento, como as creches e jardins da infância.

Entretanto, a autora deixa claro que isso foi um passo de desenvolvimento que só era atendido às crianças burguesas. As crianças advindas das massas ficavam abandonadas nos orfanatos, trabalhavam nas fábricas, ou seja, eram privadas dessas condições que facilitariam sua existência.

É imprescindível que os profissionais da área da educação e os que ainda estão em formação tenham a compreensão da infância e das transformações no ser criança na sociedade a qual fazemos parte. Atualmente, é totalmente comum ouvirmos as seguintes afirmações: “no meu tempo não era assim”, “olha só pra essa criança, mais parece um adulto” e “nossa! essa criança tá muito avançada”.

Tais afirmações apenas colaboram para termos a certeza de que a infância mudou, a criança se adaptou às possibilidades que a sociedade atual tem a

oferecer. Dessa forma, vale ressaltar que a criança denominada “avançada” não deixa de ser criança devido a isso, ao contrário, a infância de hoje não é a mesma de décadas atrás, houve a ressignificação do ser criança, então é imprescindível que as práticas pedagógicas também sejam repensadas e ressignificadas.

O que exigimos da criança?

Neste tópico daremos enfoque ao filme “O Pequeno Príncipe” (2015), utilizado como recurso metodológico na disciplina de OPEI, como já anunciado acima. Tal filme retrata a vida de uma garotinha que se vê atarefada com tantas responsabilidades impostas pela mãe. Até mesmo as suas atitudes não aparentam ser de uma criança, pois ela segue um cronograma de atividades que requerem constante disciplina, tanto que ela nem sequer tem tempo de se divertir, pois o objetivo central é que ela se prepare para ingressar em uma boa escola.

No desenrolar do filme, percebemos modificações no comportamento da criança a partir do momento em que ela cria laços de amizade com o aviador, personagem que a incentiva e lhe conta a história de como conheceu o pequeno príncipe. Eis que a garotinha começa a agir “como uma criança” que vivencia sua infância sem antecipações, e não como mini adulta como sua mãe impõe que fosse. Para Sarmiento (2004) o mundo infantil possui quatro eixos que estruturam as culturas da infância. São eles: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração. Para o autor:

Com efeito, a natureza interactiva do brincar das crianças constitui-se como um dos primeiros elementos fundamentais das culturas da infância. O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. Não espanta por isso, que o brinquedo acompanhe as crianças nas diversas fases da construção de suas relações sociais. O brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis (2004, p. 16).

O filme, então, aborda questões referentes a adultização das crianças, além da antecipação de processos que acontecem de acordo com o desenvolvimento da criança a partir de suas interações sociais, como por exemplo: a tomada de consciência sobre as responsabilidades. Consideramos que vivenciamos uma sociedade que transmite constantemente a necessidade de estarmos “preparados para a vida”, exaltando a competitividade, afinal, são os mais capacitados que terão acesso às melhores oportunidades.

¹Por culturas da infância concordamos com Sarmiento (e este de acordo com Corsaro e Edler), quando assim a define: “são um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e idéias que as crianças produzem e partilham em interação com seus pares” (apud SARMENTO, 2005, p. 373).

Diante disso, recai sobre os adultos o dever de direcionar as crianças para um futuro promissor. No entanto, a forma como os adultos tentam direcionar as crianças acontece de forma equivocada, pois geralmente, sem perceber, fazem cobranças que anulam o ser criança, ou seja, adiantam etapas da vida que necessitam ser respeitadas e aproveitadas pela criança.

Sobre isso, Costa (2000, p.15) evidencia que “...tratar as crianças como atores sociais implica reconhecer suas diferenças e características favorecendo a vivência de uma infância com tratamento adequado”, ou seja, é necessário perceber a criança como um sujeito de direitos, também ativo na sociedade. Dessa forma, é essencial atribuir a criança o papel social de participante, e não apenas de espectador.

Mamãe, eu quero! Papai, me dá! Vovô, compra pra mim...

A sociedade capitalista apresenta uma infinidade de produtos que atraem o consumidor, tanto que “possuir coisas” passa a definir o lugar que ocupamos na sociedade. Ter o melhor celular, vestir roupas de marca, ter o tênis do momento, enfim, consumir os melhores produtos é encarado como uma necessidade. Isso ocasiona o consumo exagerado, sem medir as consequências acarretadas pelo consumismo, como o acúmulo de lixo, tornando as coisas cada vez mais descartáveis.

Os produtos direcionados às crianças estão cada vez mais presentes no mercado, apontando-as como alvos vulneráveis do marketing, fazendo enxergarmos que consumir não é só coisa de adulto, pois as crianças cada vez mais se enquadram no tipo de consumidor ideal, Momo (2009, p.198) diz que:

Presenciamos hoje uma variedade infinita de artefatos dirigidos às crianças que, associados a determinadas imagens que mudam o tempo todo - principalmente de ícones midiáticos como o Homem - Aranha e a Barbie -, estimulam contínua e ininterruptamente o desejo.

Percebemos na afirmação acima a influência das mídias no consumismo infantil, as novidades chegam aos mercados em tempo recorde, o que ontem era considerado novo, tempos depois já não é mais. A mídia inclusive colabora para propagar as coisas do momento, evidenciando produtos que mostram para as crianças como o brinquedo funciona, sendo

apenas uma ilusão, pois o brinquedo não possui todas as funcionalidades mostradas na propaganda.

Os hábitos alimentares das crianças também foram alterados; as redes de *fast food* investem no público infantil, ofertando através da compra de um lanche a aquisição de um brinquedo. Não é por acaso que cada vez mais crianças se apresentam com o peso acima do ideal, interferindo assim na qualidade de vida. A proposta de se ter junto ao lanche o brinquedo é muito atrativa, entretanto os danos que o consumo excessivo que uma má alimentação podem causar à saúde são desastrosos. De acordo com Sousa (2016, p. 7)

Trata-se também de uma vida de consumo, em que se vive no presente e pelo presente; a busca para obter satisfação se torna uma constante, não havendo espaço para inquietações, senão aquilo que pode ser vivenciado e consumido de modo instantâneo.

A autora remete à instantaneidade como a marca da sociedade atual. De fato, as pessoas querem as coisas o quanto antes, deixando de lado os valores. A criança é afetada por esse princípio; não é por acaso que “Urgência, rapidez, imediatismo são condutas que já estão incorporadas aos modos de viver das crianças de hoje, produzindo um fenômeno que talvez possamos denominar “infância instantânea” Momo (2009, p.199)

Percebemos assim que a instantaneidade compreende o desejo em possuir as coisas no agora, tomar decisões de forma aligeirada e sem pensar sobre, pois tudo que é adquirido com rapidez, sem refletir se de fato há a necessidade da aquisição de determinado produto, também deixa de ter uma utilidade com extrema facilidade.

É perceptível que a mídia afeta diretamente a conduta das crianças, entretanto também devemos evidenciar que a mídia traz alguns conteúdos que podem ser benéficos na contribuição do olhar da criança para o mundo. Eis que surge a necessidade dos responsáveis pelas crianças ficarem atentos ao que está sendo veiculado na televisão, no tablet, computador e celular, pois a mídia pode contribuir para as crianças perceberem o mundo de outra forma, colaborando assim para seus aprendizados, ou também pode influenciar negativamente suas atitudes e desejos.

Dessa forma, é importante ressaltar a necessidade de acompanhar os programas e canais televisivos, páginas da internet, enfim, os contatos estabelecidos das crianças com as tecnologias que estão cada vez mais em uso no cotidiano. É necessário selecionar o que pode atribuir informações relevantes e descartar o que pouco tem a acrescentar na formação dos pequenos.

Qual o papel da escola diante das mudanças no ser criança?

Percebemos que a infância sofreu alterações, levando a se considerar que “a infância de hoje não é infância” porque as mudanças a princípio causam estranhamento, e a criança de hoje possui comportamentos e gostos diferenciados da “criança de ontem”. A escola, diante dessa modificação no ser criança assume o papel de integrar suas práticas pedagógicas às necessidades desse grupo social. As mídias inclusive, contribuem intensamente para essas mudanças Momo (2007, p.116) sobre a infância que ela considera pós-moderna, ressalta que:

É justamente dessa forma que tomo a infância: como um objeto cultural que é fabricado pelos discursos, pela mídia, pelo consumo e pelas condições culturais da pós-modernidade, configurando certas identidades infantis e formas de ser criança.

Na afirmação acima, percebe-se o redirecionamento que a infância assumiu, pois diversos fatores influenciam as identidades da criança. Dessa forma, é evidente que as modificações no contexto social estão totalmente interligadas com as novas formas de se vivenciar a infância. A cultura infantil é constituída em parte através dos discursos impregnados pela sociedade, dessa forma a infância de hoje é um reflexo da própria sociedade.

Na atualidade, as mídias tornam-se uma das principais formas de entretenimento, já que não é difícil encontrarmos crianças que preferem assistir tv, jogar videogame ou ficar no celular ao invés de se divertirem com as consideradas brincadeiras de criança: pular corda, jogar bola, brincar de pega-pega, amarelinha, dentre outras. Com toda essa variedade de distrações disponibilizadas pelas mídias, a escola tem o dever de ressignificar a aprendizagem, percebendo as mídias não como uma ameaça, mas como forma de proporcionar reflexões acerca de sua utilização.

Algumas escolas proibem o uso do celular na sala de aula, pois consideram a sua utilização como prejudicial no aprendizado; a advertência é uma das formas de inibir o uso da tecnologia, já que a criança se distrai bastante com o uso do celular. No entanto, esquecem que a tecnologia pode ser utilizada como estratégia no incentivo a aprendizagem. Como afirma Sousa (2016, p. 10)

Há no entanto, os que apontam como positivo a aproximação da criança com o universo midiático, em especial advindos das tecnologias digitais. De acordo com Buckingham (2007), para esses as crianças não são vítimas passivas das mídias;

ao contrário, apresenta-se dotadas de uma sabedoria espontânea para aprender, apontando o contato com as novas formas de comunicação como potencializadoras de mais criatividade e novas aprendizagens.

As mídias podem ser úteis para a aprendizagem desde que possibilitem o contato com conteúdos que sejam enriquecedores e adequados para a criança explorar em determinada idade, aprimorando as potencialidades que os pequenos já possuem. Dessa forma, a escola deve perceber as mídias como a manifestação de uma sociedade em transformação, que contribui para outras formas de ser criança.

Como já dizia Rubem Alves¹ “o professor tem que ser um provocador de surpresas, ocasionar espantos”, pois as crianças têm acesso a muitas informações através das mídias, no entanto, o conhecimento deve ser plantado e regado através de todos os ambientes em que a aprendizagem seja favorecida, sempre trazendo outro olhar sobre os fatos.

Conclusão

Como podemos considerar a criança contemporânea? Qual a influência do universo adulto em seus comportamentos? Sem dúvida que a criança observa o adulto e tem como exemplo suas atitudes; desse modo, os responsáveis devem incentivar cada fase a ser vivida plenamente, sem antecipações. A criança é um ser único, também protagonista da sociedade, merecedora de atenção e que possui direitos que devem ser respeitados.

As mídias influenciam o ser criança, no entanto a orientação dos responsáveis, o cuidado com o que está sendo veiculado para as crianças e com o que elas têm acesso é fundamental. Quanto ao consumismo infantil, é imprescindível saber dizer “não” quando necessário e “sim” quando possível, pois essas atitudes são benéficas para a fase que compreende a infância. É preciso demonstrar para a criança que não se pode e nem se deve possuir tudo; o necessário é suficiente.

A escola deve perceber as mídias como parte da infância contemporânea em que os hábitos e maneiras de se relacionar foram alterados, inclusive a maneira como a criança aprende se ressignifica constantemente. Vivenciamos uma sociedade da informação em que as mídias são evidenciadas devido as funcionalidades de propagar as novidades em tempo recorde, proporcionando formas de entretenimento que atraem o público.

Portanto, não devemos atribuir às mídias o título de vilã por “matar a infância”, no entanto é importante ressaltar que há infâncias, cada uma com seu jeito único de ser e com diversas possibilidades de se “conectar” ao mundo, explorando as mais variadas formas de ser criança.

¹Informação retirada de uma entrevista de Rubem Alves publicada no site Portal Brasil, em 17/07/2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/portal-brasil-resgata-entrevista-com-rubem-alves>> acesso em: 15 ago. 2017

Referências

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Tecendo os fios da infância**. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Tecendo%20os%20fios%20da%20inf%C3%A2ncia.pdf> acesso em: 05 set 2017.

CALDEIRA, Laura Bianca. **O conceito de infância no decorrer da história**. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf> Acesso em 13 mar 2017.

COSTA, Márcia Rosa da. **Infância - formas de conceber e tratar a criança**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17163/000275990.pdf>> acesso em: 10 mar 2017.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino Fundamental de Nove anos- Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. MEC. SEB. 2º edição, Brasília, 2007.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>> acesso em 18 jul 2017.

MOMO, Mariangela. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. Porto Alegre, 2007.

Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/tese_midiaeconsumo.pdf> acesso em: 01 ago 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. Disponível em

<<http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS+CULTURAS+DA+INFANCIA+NA+ENCRUZILHADA+DA+SEGUNDA+MODERNIDADE..pdf>>. Acesso em: 09 ago 2017.

SOUSA, Nádia Jane de. **Infância e Mídia: Desafios para a educação na contemporaneidade**. Espaço do currículo, v.9, n.1, p. 173- 181. Janeiro a abril de 2016.

Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/rec.2016.v9i1.173181/15339>> acesso em 21 mar 2017.